ENTRE OLHARES, LUZES E ESCRITOS

***

por Diego Pontes

Em sua obra A câmara clara, Roland Barthes traz uma análise bem singular sobre a fotografia. Ela, Linguagem universal, passa a ser "lida" sob o ponto de vista dele, indivíduo. O que é a fotografia? Como se compõe a sua estética? Como se dá sua percepção? Ora, depende de como eu me sinto perante ela! Ela me tocou? Por quê? São essas questões sobre as quais apenas nós, indivíduos, podemos refletir ao dialogar com a imagem. Por isso, o que faz uma fotografia tornar-se boa – ou ruim – são os pontos de conexões subjetivos que estabelecemos ao admirar e ao "conversar" com um retrato fotográfico.

Sou fotógrafo amador, amante da fotografia, amante dos diálogos que consigo estabelecer com a luz. Sendo assim, vejo a fotografia como indivíduo, porém não a vejo individualmente. Ela não é uma partícula isolada, um instante de 1/250s congelados e sem conexão com o mundo. Ela está ali, pronta para dialogar. Esperando nossos olhares de percepções.

Meu diálogo com a imagem, especialmente com as minhas imagens, é feito através de livros, conversas, práticas e erros (muitos erros), que fui somando, milésimo por milésimo de cliques, sempre aberto às críticas e observações paralelas. Esses milésimos, então, tornaram-se fragmentos de tempo, os quais, se somados, resultariam em mais ou menos alguns segundos de vida, recortados e agrupados a partir de inúmeras vivências.

Nessa perspectiva, embora seja linguagem universal, a fotografia seria órfã, seria iletrada, não fôssemos nós, os indivíduos que lhes depositam milhões de impressões e significados; não fôssemos nós, com nossos anseios e formas de interpretar e reinterpretar o mundo, retirando das imagens sentimentos que foram outrora "ceifados" pelo olhar de outro indivíduo muito especial, o fotógrafo!

Sem mais delongas, finalizo brevemente sobre fotografias de palco. Há algumas pelas quais tenho especial carinho. Foram momentos que tive o privilégio – ou a sorte – de eternizar. Porém, muito mais do que criações feitas por mim, essas imagens foram cocriações. Elas nasceram da soma. E somaram-se a partir de um diálogo. Foram conversas gostosas! Conversas em meio a danças, luzes, sombras e dramas.

Fotografar palcos é um desafio, exige prática e antecipação. É preciso conversar com os artistas, com o "rapaz da luz", é preciso sentir a peça, antes mesmo de ela ser encenada. E o mais gostoso? Você sempre se surpreende com a mesma. Para nós fotógrafos, são esses fatores que mais contam ao fotografar. Não é o clique em si, e sim o proces-

so de criação da fotografia. Para nós, fotógrafos, o "palco" não é somente um diálogo artista-plateia, nele há também o diálogo artista-luz. As expressões mudam muito com a luz. O fundo preto é algo crucial, ele destaca os protagonistas da encenação. Deixa a cena ainda mais única, expressiva. Para a fotografia, é algo sublime.

São dois os momentos capturados na fotografia de palco. O primeiro é a cena como ela é. Resume-se ao ato fotográfico, é a captura do acontecido. O segundo, para mim, é o melhor. É o recorte da arte e a junção das artes. É a eternização da obra de dois artistas que, juntos, formaram um texto. Um texto passível de ser lido, sentido e refletido. E podem, agora, contar uma história.

Para alguns, pode até gerar um papo legal, para outros, nem tanto. Talvez isso seja o mais apaixonante em uma imagem fotográfica. É a sua capacidade de se relacionar e revelar impressões. É a sua liberdade de depositar e ser depositada em emoções.